

MATERIAL DIGITAL DO PROFESSOR



A MELANCIA QUADRADA

CRÔNICAS

RUY CASTRO

avalia
educacional

ELABORAÇÃO E ORGANIZAÇÃO PEDAGÓGICA
MARIA JOSÉ NÓBREGA
E SAMIR THOMAZ

SUMÁRIO

Carta ao Professor, **3**

Propostas de atividades 1, **8**

Propostas de atividades 2, **16**

Aprofundamento, **25**

Sugestões de referências complementares, **37**

Bibliografia comentada, **43**



CARTA AO PROFESSOR

Querida professora, querido professor,

*Neste manual, oferecemos a você muitas sugestões para apoiá-lo em seu trabalho na mediação de leitura de **A melancia quadrada: crônicas**. A finalidade primordial destas propostas é estabelecer um intenso diálogo com a obra, visando a compreensão de seu funcionamento e a interpretação de seus efeitos.*

Em conformidade com a BNCC – Base Nacional Comum Curricular, a organização deste manual permite diferentes níveis de aprofundamento em relação às competências e habilidades estabelecidas pelo documento, bem como a articulação com diferentes áreas e seus componentes curriculares. Em função do tempo didático disponível e das possibilidades de planejamento possíveis em cada unidade escolar, é possível elaborar seu planejamento e adicionar seu tempero didático de modo a construir o roteiro mais adequado às necessidades de seus estudantes.

Boa leitura e sucesso em seu trabalho!

ÁRVORES E TEMPO DE LEITURA

MARIA JOSÉ NÓBREGA

*O que é, o que é,
Uma árvore bem frondosa
Doze galhos, simplesmente
Cada galho, trinta frutas
Com vinte e quatro sementes?'*

Enigmas e adivinhas convidam à decifração: “trouxeste a chave?”.

Encaremos o desafio: trata-se de uma árvore bem frondosa, que tem doze galhos, que têm trinta frutas, que têm vinte e quatro sementes: cada verso introduz uma nova informação que se encaixa na anterior.

Quantos galhos tem a árvore frondosa? Quantas frutas tem cada galho? Quantas sementes tem cada fruta? A resposta a cada uma dessas questões não revela o enigma. Se for familiarizado com charadas, o leitor sabe que nem sempre uma árvore é uma árvore, um galho é um galho, uma fruta é uma fruta, uma semente é uma semente... Traíçoeria, a árvore frondosa agita seus galhos, entorpece-nos com o aroma das frutas, intriga-nos com as possibilidades ocultas nas sementes.

O que é, o que é?

Apegar-se apenas às palavras, às vezes, é deixar escapar o sentido que se insinua nas ramagens, mas que não está ali.

Que árvore é essa? Símbolo da vida, ao mesmo tempo que se alonga num percurso vertical rumo ao céu, mergulha suas raízes na terra. Cíclica, despe-se das folhas, abre-se em flores, que escondem frutos, que protegem sementes, que ocultam coisas futuras.

“Decifra-me ou te devoro.”

Qual a resposta? Vamos a ela: os anos, que se desdobram em meses, que se aceleram em dias, que escorrem em horas.

Alegórica árvore do tempo...

A adivinha que lemos, como todo e qualquer texto, inscreve-se, necessariamente, em um gênero socialmente construído e tem, portanto, uma relação com a exterioridade que determina as leituras possíveis. O espaço da interpretação é regulado tanto pela organização do próprio texto quanto pela memória interdiscursiva, que é social, histórica e cultural. Em lugar de pensar que a cada texto corresponde uma única leitura, é preferível pensar que há tensão entre uma leitura unívoca e outra dialógica.

Um texto sempre se relaciona com outros produzidos antes ou depois dele: não há como ler fora de uma perspectiva interdiscursiva.

Retornemos à sombra da frondosa árvore – a árvore do tempo – e contemplemos outras árvores:

Deus fez crescer do solo toda espécie de árvores formosas de ver e boas de comer, e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal. [...] E Deus deu ao homem este mandamento: "Podes comer de todas as árvores do jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres terás de morrer".²

Ah, essas árvores e esses frutos, o desejo de conhecer, tão caro ao ser humano...

Há o tempo das escrituras e o tempo da memória, e a leitura está no meio, no intervalo, no diálogo. Prática enraizada na experiência humana com a linguagem, a leitura é uma arte a ser compartilhada.

A compreensão de um texto resulta do resgate de muitos outros discursos por meio da memória. É preciso que os acontecimentos ou os saberes saiam do limbo e interajam com as palavras. Mas a memória não funciona como o disco rígido de um computador em que se salvam arquivos; é um espaço movediço, cheio de conflitos e deslocamentos.

Empregar estratégias de leitura e descobrir quais são as mais adequadas para uma determinada situação constituem um processo que, inicialmente, se produz como atividade externa. Depois, no plano das relações interpessoais e, progressivamente, como resultado de uma série de experiências, se transforma em um processo interno.

Somente com uma rica convivência com objetos culturais – em ações socioculturalmente determinadas e abertas à multiplicidade dos modos de ler, presentes nas diversas situações comunicativas – é que a leitura se converte em uma experiência significativa para os alunos. Porque ser leitor é inscrever-se em uma comunidade de leitores que discute os textos lidos, troca impressões e apresenta sugestões para novas leituras.

Trilhar novas veredas é o desafio; transformar a escola numa comunidade de leitores é o horizonte que vislumbramos.

Depende de nós.

¹ *Meu livro de folclore*, Ricardo Azevedo, Editora Ática.

² *Bíblia de Jerusalém*, Gênesis, capítulo 2, versículos 9 e 10, 16 e 17.

Arquivo do autor



RUY CASTRO, O AUTOR DE *A MELANCIA QUADRADA*: CRÔNICAS

Ruy Castro é escritor e jornalista. Já escreveu em todos os gêneros literários, menos (segundo ele próprio) bula de remédio. Mas sua especialidade são as biografias (Nelson Rodrigues, Garrincha, Carmen Miranda) e os livros de reconstituição histórica, como *Chega de Saudade*, sobre a Bossa Nova, e *Carnaval no fogo*, sobre o Rio de Janeiro.

SOBRE A OBRA

A melancia quadrada, uma coletânea de crônicas de Ruy Castro originalmente publicadas na *Folha de S. Paulo*, oferece ao leitor um ponto de vista ácido e bem-humorado a respeito do nosso tempo. O autor muitas vezes parte de casos curiosos – como o da melancia quadrada do título, invenção não muito bem-sucedida de um agricultor japonês da ilha de Shikoku; um travesseiro computadorizado criado por uma universidade alemã para evitar roncos; a história da vida do polonês Jan Grzebski, que entrou em coma ainda no período da União Soviética e despertou apenas depois de dezenove anos, para encontrar um mundo inteiramente diverso, e assim por diante. Partindo de casos como esses, o autor tece comentários perspicazes a respeito do modo de vida e da política de nosso tempo. Em outros casos, o gatilho para as reflexões é um elemento oriundo de sua vida cotidiana: o vizinho adolescente do prédio em frente, que parece passar o tempo todo – incluindo as madrugadas – diante do computador.

Em um tempo em que uma quantidade quase inimaginável de notícias e de informações circula via internet, é impossível acompanhar todas elas – especialmente porque começam a desbotar logo no dia seguinte. O mérito das crônicas de Ruy Castro está em salvar algumas informações inusitadas em meio à avalanche da rede e construir pontes entre fatos aparentemente disparatados, resgatando o humano no detalhe.



QUADRO-SÍNTESE

Gênero: Crônica

Áreas envolvidas: Língua Portuguesa, História, Ciências, Sociologia, Filosofia, Arte.

Competências Gerais da BNCC: 1. Conhecimento; 2. Pensamento científico, crítico e criativo; 3. Repertório cultural; 4. Comunicação; 6. Trabalho e projeto de vida; 7. Argumentação; 9. Empatia e cooperação; 10. Responsabilidade e cidadania.

Temas: Inquietações das Juventudes; Cultura digital no cotidiano do jovem; Cidadania; Diálogos com a sociologia e a antropologia.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

1

FIOS E LINHAS

MARIA JOSÉ NÓBREGA

Conta-se que Teseu, o maior herói ateniense, precisou, certa feita, enfrentar um monstro que tinha o corpo de homem, a cabeça de touro e se alimentava de carne humana fornecida, a cada vez, com o sacrifício de sete moças e de sete rapazes da cidade de Atenas: era o terrível Minotauro.

Não era só a bestialidade do monstro que investia a tarefa de enorme perigo, mas a dificuldade do percurso. O monstro vivia encerrado em um labirinto, onde os caminhos se entrecruzavam, sem que, para alguns, houvesse saída. Muitos antes de Teseu haviam tentado enfrentar o desafio, mas foram derrotados pela fera ou, quem sabe, encurralados nas armadilhas do labirinto.

Foi Ariadne, uma jovem enamorada, que, temendo pela vida do amado, arquitetou, com a ajuda de Dédalo, um plano para demarcar o percurso, possibilitando que Teseu atingisse o centro, enfrentasse o Minotauro e voltasse seguro pelo mesmo caminho. Ela entregou ao herói um novelo que continha um fio mágico, um fio que nunca acabava, sob medida para Teseu desenrolar suas aventuras e retornar vitorioso e em segurança pela rota assinalada. Um fio que desenrolava a história e permitia ao narrador retornar para contá-la.

Teseu, não se sabe bem por que, vai abandonar Ariadne e viver outras histórias. Tristes, mas necessárias rupturas.

Começamos esta conversa com um mito que fala de fios que costuram amores e aventuras, que se entrelaçam e tecem os diferentes destinos. Mas fios e linhas também enredam textos que se revelam nas diferentes leituras de cada leitor.

Um texto traz sempre um convite: "Decifra-me!". Um leitor é sempre um desbravador de sentidos. As leituras, como os caminhos, podem ser, às vezes, difíceis. Mas tudo fica mais fácil se outro leitor desenrola o fio que costura o que se vai compreendendo a cada linha, revelando, como em um bordado, imagens que antes pareciam ocultas.

O fio que desliza nos dedos de Teseu é de Ariadne, mas o caminho não é dela, é dele. O percurso do herói-leitor não é o mesmo de quem estabelece com ele os processos de mediação com o texto, de quem desata os fios da compreensão e da interpretação dos labirintos da linguagem escrita. As aventuras são próprias daquele que caminha e retorna com histórias para contar.

O jovem leitor já construiu autonomia para decifrar as letras: não precisa mais de fios que lhe revelem o que elas representam. Mas, ingressando pelas veredas do mundo da escrita, precisará de outros tipos de fios: há trilhas simples que seu grau de autonomia leitora alcança, mas há outras mais complexas, prontas a desafiá-lo com linhas emaranhadas: não há aventura se não há desafios.

Não se forma um leitor se não o encorajamos a ampliar seus horizontes, porque há mais histórias... como a de Aracne, por exemplo, tecelã que urdia suas narrativas em tapeçarias que eram tão lindas que acabaram por despertar a inveja da deusa Minerva, que a transformou em aranha, condenando-a a tecer por toda a eternidade. Teias de histórias que se entrelaçam no território das palavras. Trouxeste o fio? Ou a chave?

Mas talvez quiséssemos saber mais a respeito de como aquele novelo chegou às mãos amorosas da jovem Ariadne. Ela contou com a engenhosa ajuda de Dédalo, criativo arquiteto, que por ter sido cúmplice do amor de Ariadne por Teseu, despertou a ira dos Deuses e acabou aprisionado no labirinto com seu filho Ícaro; mas, graças à sua enorme capacidade inventiva, confeccionou enormes pares de asas e acabou escapando.

Dédalo e Ícaro são personagens de outra bela história...

Como eles, leitores são espíritos livres que, tão logo podem, soltam os fios e voam. Dependem apenas das mãos amorosas de seus professores que, como Ariadne, encorajam e possibilitam o ingresso nos labirintos da escrita.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

Nesta seção, os professores de Língua Portuguesa encontram uma sequência de atividades cuja finalidade é permitir a formação de um sujeito leitor, responsável e crítico, capaz de construir sentidos de modo autônomo e de argumentar a respeito de sua recepção da obra, constituindo-se como uma personalidade sensível e inteligente aberta aos outros e ao mundo. Ao partir da recepção do aluno-leitor, de sua **leitura subjetiva**, procura-se ampliar suas competências com a aquisição de saberes sobre os textos e sobre si; ao compartilhar essa experiência, em uma **leitura colaborativa**, procura-se submeter o texto do leitor à arbitragem dos pares e à autoridade do texto.

As **atividades de pré-leitura** mobilizam a análise global do texto (a partir do título, da capa, dos elementos paratextuais, das ilustrações — se presentes), estimulando predições bem como a mobilização dos conhecimentos prévios necessários ao entendimento da obra.

PRÉ-LEITURA

1. Nessa fase, você deve aproveitar para acostumar os alunos ao manuseio do livro: identificar o autor e a editora, verificar se o título é sugestivo, consultar o sumário, ler a quarta capa, observar as imagens e outros aspectos gráficos do livro (fonte, tipografia e tamanho).
2. Apresente a obra à classe. Informe aos alunos que eles vão ler *A melancia quadrada: crônicas*, de Ruy Castro. Pergunte se já leram algum livro desse autor, se o conhecem e se sabem alguma coisa sobre o assunto do livro.
3. Analise com os estudantes a capa do livro, feita por Nik Neves. Convide-os a observar as imagens que ela traz. Conseguem atribuir algum sentido?

Como essas imagens se articulam com o título? Há alguma conexão direta? Que elementos você consegue identificar? E o título, *A melancia quadrada*, que pistas fornece sobre a leitura? Você já imaginou alguma vez uma melancia quadrada? Será que existe? Veja se os alunos notam como *A melancia quadrada* é um título bem escolhido: por sua estranheza, ele desperta imediatamente a nossa curiosidade e nos impele à leitura das crônicas. Além de estimular a imaginação dos alunos.

4. Chame a atenção dos estudantes para a dedicatória do livro. Peça que observem para quem o autor dedica a obra e pergunte: O que a dedicatória revela? Você imaginou que alguém pudesse dedicar um livro a seus gatos? Gostou da novidade? O que achou dela? Por fim, indague: Por que a maioria dos escritores, ao escrever uma história, a dedica a alguém?

5. Apresente aos alunos o sumário do livro e, com base nos nomes das divisões temáticas e nos títulos das crônicas, estimule-os a criar hipóteses sobre o que irão ler. Pergunte se algum nome lhes chamou a atenção e por quê. Informe que, como essa é uma coletânea de textos independentes entre si, as crônicas não precisam necessariamente ser lidas na ordem em que aparecem na publicação. Deixe que os alunos façam uso do sumário para ler, em primeiro lugar, os textos que lhes despertaram mais interesse.

6. Explique aos alunos que o texto que aparece na parte de trás do livro é chamado de texto de quarta capa. Peça a algum aluno ou aluna que o leia em voz alta. Com base nas informações contidas nesse texto, estimule os estudantes a criar hipóteses a respeito das histórias e pergunte quais são suas expectativas de leitura.

As **atividades de leitura** implicam a compreensão do conteúdo temático com a seleção das informações relevantes para a construção de uma síntese e para a checagem das predições feitas antes da leitura, para confirmá-las, reformulá-las ou refutá-las.

LEITURA

1. Solicite aos alunos que anotem as palavras e expressões que não conhecem e as pesquisem no dicionário ou deduzam do próprio contexto em que aparecem.
2. Estimule-os a verificar se as possibilidades levantadas por eles, ao tomar contato com o título da obra e com a capa do livro, estão sendo confirmadas. Acompanhe a leitura deles fazendo sondagens esporádicas sobre o que estão achando das crônicas, se a leitura é prazerosa ou difícil. Faça comentários estratégicos levando-os a perceber como o cronista parte de um assunto aparentemente corriqueiro, muitas vezes distante no tempo e no espaço, para chegar a um desfecho surpreendente e que nos leva a refletir sobre o assunto da crônica.
3. Recomende aos estudantes que atentem para o título das três divisões do livro e para as ilustrações feitas por Nik Neves que aparecem no início de cada uma dessas divisões. Pergunte: O que essas ilustrações têm em comum? O que chama a atenção nelas? Qual é o estilo? Que episódios representam? Que sensações acrescentam à leitura das crônicas? Proponha aos alunos que percebam como cada crônica se relaciona com a divisão na qual se insere. O que as crônicas que pertencem ao mesmo grupo têm em comum? Embora algumas imagens façam

referência mais direta a determinadas crônicas, outras se revelam à medida que permitimos um maior tempo de observação. Instigue-os a se permitirem esse tempo durante a leitura.

4. Leia a apresentação do livro, intitulada *A melancia, a perereca, os políticos e outros bichos* (p. 9), na qual Heloisa Seixas chama a atenção para alguns aspectos que considera fundamentais das crônicas de Ruy Castro. Nesse texto, ela comenta: “Às vezes, quando pensamos que ele está falando de uma coisa, descobrimos que na verdade o assunto é outro. E que outro! Os finais das crônicas de Ruy são sempre surpreendentes.”. Sugira aos alunos que, durante a leitura, prestem atenção aos finais das crônicas, procurando notar as vezes em que o autor parece “mudar de assunto”, estabelecendo uma conexão surpreendente entre dois temas aparentemente díspares.
5. Proponha aos alunos que realizem uma pesquisa a respeito das modificações genéticas curiosas que os agricultores japoneses já criaram em frutas e legumes. Espera-se que eles descubram que nem todas foram tão malsucedidas quanto a da melancia quadrada...
6. Peça aos alunos que observem como os desfechos de muitas crônicas do

livro costumam trazer uma leve ironia, que, apesar da sutileza, nos leva a rever tudo o que foi escrito nela, subvertendo os argumentos usados no texto até aquele momento ou acentuando o que pode haver de crítico nele.

7. Peça aos alunos que observem que, em várias crônicas, Ruy Castro parece rir de si mesmo, da sua condição humana, sujeita às imperfeições e aos imponderáveis da vida, expondo muitas vezes a gratuidade da existência humana. Comente que uma das crônicas em que isso fica mais evidente é em *Bólido no calçadão* (p. 21). Indague: O que essa característica – a capacidade de rir de si mesmas – costuma revelar das pessoas que a possuem? Você conhece alguém que é assim? E você, já riu ou costuma rir de si mesmo em situações não muito auspiciosas pelas quais todos passamos em algum momento?

8. Chame a atenção dos alunos para o paradoxo e para a ironia contida nesta frase da crônica *Morando com mamãe* (p. 25): “Quem chegasse à propecta idade de 20 anos e não tivesse endereço próprio era tido como anormal [...]”. Pergunte aos alunos, solicitando, porém, que verifiquem antes o significado da palavra *propecta*: Em que consistem, no contexto dessa crônica, o paradoxo e a ironia? Peça que justifiquem suas respostas.

9. Ruy Castro não esconde que é carioca e que ama o Rio de Janeiro, sem deixar de ser crítico a muitos de seus aspectos. Peça aos alunos que identifiquem nas crônicas em que momentos ele deixa clara a sua intimidade com a topografia (nomes, avenidas, lugares), a realidade carioca e a sua paixão crítica pela cidade em que nasceu e mora. Peça que identifiquem registros desse fato nas crônicas.

As **atividades de pós-leitura** promovem a reflexão sobre o conteúdo temático ou expressivo da obra a partir de outras referências que permitem identificar diferentes perspectivas possíveis para o tema, estimulando uma resposta crítica que pode envolver vários níveis de complexidade ou gerar novas perguntas, que enriquecem e transformam a experiência leitora.

PÓS-LEITURA

1. Converse com os alunos sobre a experiência de leitura que tiveram. Estimule-os a falar fazendo as seguintes perguntas: O que acharam do estilo de Ruy Castro? Quais são as principais características da escrita desse cronista? Que efeito teve sobre você o emprego de termos antigos em uma época em que quase ninguém mais os usa, como "caranguejola" (p. 63), "bicharocos" (p. 70) "borocoxôs" (p. 74), "beleléu" (p. 89), "gorgolejam" (p. 89), "dodói" (p. 95)? Qual personagem das crônicas mais chamou sua atenção (ou causou sua admiração) e por qual você sentiu aversão ou antipatia? Instigue-os a comentar e a justificar por que se identificaram com determinado personagem e repeliram outros, levando-os a analisar tanto os aspectos humanos como os éticos, os sociais, os humanos, os psicológicos, os físicos, entre outros. Conclua, indagando: Se você tivesse de eleger um tema que resumisse ou representasse as crônicas, qual seria ele? Explique a sua escolha.
2. Em certo trecho da crônica *A melancia quadrada* (p. 15), Ruy Castro escreve uma metáfora enigmática, referindo-se ao Japão. Peça aos alunos que interpretem o que o cronista quis dizer com esta afirmação:
"[...] quando um país se dá ao luxo de cultivar melancias quadradas, é porque chegou ao ápice e já resolveu todos os outros problemas. [...] Depois me

convenci de que, ao contrário, quanto mais problemas, mais um país deveria cultivar melancias quadradas".

Após ouvir as respostas dos estudantes, traga o sentido da frase para o nosso país e pergunte a eles: Como o Brasil se situa diante da melancia metafórica trazida pela afirmação do cronista? Peça que justifiquem e contextualizem suas respostas.

3. Chame a atenção dos estudantes para uma marca registrada das crônicas de Ruy Castro: ele costuma mencionar escritores, intelectuais, músicos, atores, dramaturgos, entre outras personalidades do mundo da cultura que a maioria das pessoas não conhece ou, se conheceu um dia, não se lembra mais delas. Proponha aos estudantes: Que tal fazer uma pesquisa para saber quem são essas pessoas? Peça aos alunos que listem as pessoas citadas. Depois, divida a turma em grupos, para que cada grupo pesquise uma delas. Seguem algumas das personalidades mencionadas e as páginas em que aparecem no livro (os alunos podem sugerir outras): Zózimo (p. 21); Millôr Fernandes (p. 21); Nara Leão (p. 26); Sousândrade (p. 29); Marilyn Monroe (p. 40); Nelson Rodrigues (p. 41); Gustave Flaubert (p. 50); Ezra Pound (p. 89) etc.
4. Peça aos alunos que observem que muitas crônicas do livro partem de um acontecimento longínquo no tempo para falar da realidade atual, como em *Rip Van Winkle* (p. 27) e *Papai Noel*

sob mira, (p. 29). Indague aos alunos: Por que situações tão distantes ainda servem para nos fazer refletir sobre fatos do presente? O que isso revela da natureza humana e o que evidencia sobre o método de escrever crônicas de Ruy Castro? Que habilidades ele demonstra ao manipular com tanta perícia fatos aparentemente díspares no tempo e no espaço e extrair dessa relação uma pensata espirituosa que nos faz refletir?

5. Chame a atenção dos alunos para a peculiaridade dos interesses de Ruy Castro, da qual ele dá um exemplo claro e comovente na crônica *Confete dourado* (p. 41). Indague aos alunos: Vocês dariam um lance por telefone para adquirir uma caixinha com confete dourado do Carnaval carioca de 1919? O que isso revela sobre os temas aos quais o cronista se dedica? Leve os alunos a perceber como, nessa crônica, partindo de um fato corriqueiro, ele aborda o tema da gripe espanhola de 1918, comentando fatos daquela pandemia – suspeitas de sua origem, número de mortos etc. – e, por tabela (involuntariamente, claro), ensejando uma comparação, para o jovem da segunda década do século XXI com a vivência da pandemia do novo coronavírus, entre os aspectos das duas graves crises sanitárias vividas pelo mundo.

Conclua dizendo que essa crônica demonstra como um texto é um registro histórico que se metamorfoseia ao sabor do tempo e dos acontecimentos, testemunhando fatos e dando margem a novas reflexões. Não deixe de lembrar os alunos que o que ensinou essa reflexão dramática foi uma inocente e festiva caixinha de confete dourado do Carnaval carioca de 1919.

6. Ao ler as crônicas, não podemos deixar de perceber que Ruy Castro tem certo

apreço pela precisão nas informações. Ele recorda datas com dia, mês e ano, cita o nome de animais pelo seu nome científico, em latim, menciona pessoas pelo nome e sobrenome e costuma contar uma pequena história sobre fatos e acontecimentos distantes no tempo antes de inseri-los, de um modo bastante peculiar, em algum contexto da atualidade, para extrair dali matéria para a sua crônica. Trata-se, portanto, de uma técnica, ou de um método, que só percebemos quando lemos em sequência muitas crônicas desse autor. Questione os estudantes: O que a leitura das crônicas de Ruy Castro agregou à sua forma de olhar o mundo? Explique que pode ser no âmbito do estudo, da vida prática, das relações familiares ou sociais, da vida virtual, da sua relação com a arte ou a ciência, das preocupações com o meio ambiente etc. Peça que justifiquem suas respostas.

7. Peça aos alunos que, parodiando Ruy Castro na crônica *Fala sério* (p. 91), façam um exercício hipotético de criar duas categorias de pessoas de comportamentos antagônicos, nas quais eles acham que a humanidade se divide. Peça que justifiquem suas escolhas. Ao final da atividade, peça que revelem e expliquem suas categorias para o comentário dos colegas de sala.
8. Leia com seus alunos a seção *Autor e obra* (p. 100), para que se aproximem um pouco mais do universo de Ruy Castro. Os alunos provavelmente notarão que não se trata de uma biografia bem comportada. Proponha que escrevam, em poucas linhas, uma breve e honesta autobiografia, enumerando fatos e acontecimentos de sua história sem explicar o contexto em que se deram, como fez Ruy Castro.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

2

POR MAIS "VERDADES DE MENTIRA" NA SALA DE AULA

SAMIR THOMAZ

Em uma pequena e aclamada obra chamada *A literatura em perigo*, o ensaísta e historiador búlgaro Tzvetan Todorov (1939-2017), um apaixonado por literatura desde criança – seus pais eram bibliotecários –, chama a atenção para o fato de que, em nossa época, a literatura corre o risco de não mais participar da formação cultural e humana das pessoas.

Todorov se refere, de maneira crítica, à forma como a literatura é ensinada nas escolas já há algumas décadas e ainda nos dias de hoje, com base no formalismo-estruturalismo, que leva às conhecidas e muitas vezes aborrecidas aulas em que os alunos são obrigados a memorizar a periodização das escolas literárias e as teorizações sobre elas, ficando o texto propriamente, ou seja, a literatura, relegada a segundo plano.

Nascido em uma Bulgária nos tempos do domínio soviético sobre as repúblicas do leste europeu, se por um lado o jovem Todorov tinha duas bibliotecas à disposição – a de seus pais –, por outro, à medida que crescia e evoluía na escola – ele optou por cursar Letras –, era obrigado a conter seu entusiasmo e fascínio pelos clássicos da literatura e prestar reverência à ideologia oficial.

Para que seus estudos literários não fossem interrompidos (e para escapar da censura), ele dirigiu seus primeiros trabalhos como estudante, professor e escritor para as formas linguísticas do texto – estilo, composição, foco narrativo, análise gramatical –, que são neutras, despidas de ideologia.

Somente depois que foi para Paris – onde se fixou e concluiu seu doutorado – é que pôde, enfim, ter uma relação mais livre e direta com a literatura. “De meados dos anos 1970 em diante, perdi o interesse pelos métodos de análise literária e passei a me dedicar à análise em si, isto é, aos encontros com os autores”, afirma o ensaísta.

Leitor reprimido na juventude, a constatação de Todorov de que a literatura está em perigo, no entanto, foi feita bem mais tarde, em uma época, a nossa (seu livro é de 2007), na qual a maioria dos países vive em democracias, ou seja, as crianças e adolescentes têm liberdade para ler uma ampla variedade de autores, participam de feiras e bienais de livros e frequentam uma escola cada vez mais preocupada com a pluralidade de ideias, a liberdade de expressão, a diversidade cultural, o protagonismo juvenil, a tolerância, os direitos humanos e a formação cidadã. Sem contar as múltiplas possibilidades da internet, que democratiza o acesso à informação e, por conseguinte, à leitura.

Esta é a realidade de um país como o Brasil. Não obstante suas desigualdades socioeconômicas, que afetam dramaticamente não apenas os níveis de leitura, mas a apreensão do conteúdo das demais disciplinas do currículo escolar, os recentes programas governamentais de fomento à educação e incentivo à leitura têm procurado diminuir essas discrepâncias, fazendo com que crianças e adolescentes tenham cada vez mais contato com os livros, com a cultura e com o conhecimento letrado e científico.

Não é uma tarefa simples em um país continental. E, apesar dos esforços, este é um jogo que estamos perdendo e precisamos virar. O fato é que ainda se lê pouco em nosso país. Um dos reflexos disso são os pífios resultados dos estudantes brasileiros no Pisa (Programme for International Student Assessment), da OCDE, que avalia os conhecimentos de matemática, ciência e leitura de estudantes de 15 anos de idade. Na prova do Enem de 2019, chamou a atenção o fato de que, de um total de mais de 3,9 milhões de candidatos, apenas 53 tiraram a nota máxima em redação enquanto quase 150 mil zeraram³.

A razão pode estar, assim como na época do jovem Todorov, na forma como a escola tem lidado com o ensino de literatura. Enquanto na Bulgária dos tempos da guerra fria havia a repressão e a censura, no Brasil atual a escola continua insistindo no modelo formalista-estruturalista de aulas, com ênfase em escolas literárias e análises teóricas – o que, como defendem teses pontuais como as de Todorov, tende a afastar os alunos do encanto, do prazer das descobertas, do estímulo à crítica e à reflexão que a leitura dos bons autores proporciona.

Em um mundo no qual há um clamor pela ideia de verdade, mas que, paradoxalmente, é dominado pela pós-verdade e pelas *fake news*, os jovens talvez se ressintam da “verdade de mentira” que a literatura (e o cinema, o teatro, as HQs) possibilitam. É preciso que eles enxerguem

³ BERMÚDEZ, Ana Carla. Enem 2019: 53 candidatos tiraram nota mil na redação; 143 mil tiraram zero. UOL. Disponível em: <<http://mod.lk/enem>>.

na leitura (sobretudo na leitura de ficção) muito mais do que a obrigação de se inteirar de um volume de informações cifradas contidas em algumas dezenas de páginas (que é como muitos adolescentes veem os livros) com o objetivo efêmero de serem aprovados no vestibular e passem a perceber que a “verdade de mentira” escondida naquelas páginas é muito mais do que um mero enredo ou um simples relato.

Essa “verdade de mentira”, ao viabilizar a imersão em outra lógica de realidade, movida pela imaginação e pela fantasia, abre para eles uma infinita gama de possibilidades. É o velho e conhecido “what if?” dos escritores – em português, o “e se?”. E se isto acontecesse? E se determinado fato não tivesse sucedido do modo como se deu? E se um morto resolvesse escrever suas memórias póstumas? E se eu acordasse transformado em uma barata?

O contato com os grandes prosadores não apenas amplia o repertório cultural e de linguagem dos leitores, mas os liberta dessa amplitude de reflexão e de pensamento e os liberta dos determinismos cotidianos de que muitos jovens são vítimas em um país como o Brasil: “E se a minha vida fosse diferente do que é?”.

Ao sair do real, a literatura nos traz um entendimento profundo do que o mundo é, das dimensões nem sempre discerníveis do tempo e do espaço, de quais coordenadas silenciosas regem nossas vidas em sociedade. Enfim, a leitura dos bons autores, do presente e do passado, nacionais e estrangeiros, nos dá uma consciência cidadã do nosso papel como ser humano em um mundo em que os valores cada vez mais se metamorfoseiam e se pulverizam.

Assim disse o jornalista e escritor José Castello, em uma entrevista para o Caderno 2:

Queremos sempre estar quites com o mundo, mas nunca conseguimos. Este “nunca conseguir” é a própria vida. Enquanto a ciência perfura as coisas em busca de seu centro e a religião se eleva na ilusão de vê-las por inteiro, a literatura dança em torno delas. Ninguém escreve um romance para dizer a verdade, ou chegar à verdade. Para a literatura, o mundo é um enigma em torno do qual só nos resta girar e dançar.

Cabe à escola, no geral, e aos professores, de modo particular, rever sua forma de atuar para atingir o coração e a mente do jovem do século XXI, ávido de conhecimento, de verdades, de vida, mas também das “verdades de mentira” com que a literatura, desde Homero, Dante, Shakespeare, Cervantes, Victor Hugo, Machado vêm enriquecendo a alma humana.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

Nesta seção, os professores de Língua Portuguesa em diálogo com docentes de outros componentes curriculares encontram sugestões para uma abordagem interdisciplinar, estabelecendo conexões entre a invenção literária e outras formas de discurso ou práticas do mundo social, considerando a obra literária como uma estrutura móvel, capaz de dar respostas diversas em diferentes contextos. As atividades propostas transitam entre o contexto de produção e de recepção da obra literária, procurando refletir a respeito das expectativas de cada período, de cada grupo social com o propósito de desenvolver a capacidade argumentativa e inferencial dos estudantes.

Assim como na seção Propostas de atividades 1, aqui a organização também se dá em atividades para os momentos de pré-leitura, leitura e pós-leitura.

As atividades de pré-leitura mobilizam a análise global do texto (a partir do título, da capa, dos elementos paratextuais, das ilustrações – se presentes), estimulando predições bem como a mobilização dos conhecimentos prévios necessários ao entendimento da obra.

PRÉ-LEITURA

LÍNGUA PORTUGUESA Faça com os alunos um levantamento daquilo que já sabem a respeito do gênero “crônica”. Como identificá-lo? Quais são suas principais características? Quais são os temas mais recorrentes? Proponha a seguir que façam uma pesquisa mais detalhada sobre esse gênero, de modo a ajustar ou complementar as informações levantadas. Como surgiu a crônica? Como ela se modificou através dos tempos? Quais são os diferentes tipos de crônica? Quais são os principais cronistas da literatura brasileira? Por que a crônica, em seu formato atual, é considerada um gênero tipicamente brasileiro? Peça aos alunos que pesquisem em *sites*, jornais e livros e tragam algumas crônicas publicadas na semana para ler com a classe. Que tipos diferentes de crônica podem ser identificados nessa pequena amostra? Qual é a diferença entre uma crônica e um artigo? E entre uma crônica e um conto?

As **atividades de leitura** implicam a compreensão do conteúdo temático com a seleção das informações relevantes para a construção de uma síntese e para a checagem das predições feitas antes da leitura, para confirmá-las, reformulá-las ou refutá-las.

LEITURA

1. **LÍNGUA PORTUGUESA** Ruy Castro demonstra ser um arguto observador da realidade. Chame a atenção dos alunos para o fato de que muitas de suas crônicas nascem de uma observação aparentemente fortuita da vida diária, de notícia de jornal ou de fatos de outro tempo, que não chamaria a atenção de ninguém na atualidade, exceto do cronista. Comente que é como se ele tivesse um dispositivo que o fizesse perceber que um fato ou situação banal qualquer tivessem o potencial de se transformar em uma saborosa crônica. E, afinal, é desse expediente que se vale um cronista, extrair da realidade os resíduos do cotidiano, aquilo que no contexto utilitário das sociedades não tem valor algum, mas que, no universo fecundo e fértil da crônica, pode trazer à tona a poesia, a magia, a epifania escondida nos desvãos do cotidiano. Peça aos alunos que busquem identificar essa técnica do escritor, captar esse método de criação e escrevam, eles mesmos, uma crônica imitando Ruy

Castro. Instrua-os a, à maneira de Ruy Castro, a procurar informações curiosas e inusitadas na internet – seja a respeito de gente, de bichos ou de máquinas – e escrever uma pequena crônica a partir da notícia escolhida, usando-a como ponto de partida.

2. **LÍNGUA PORTUGUESA** Informe aos alunos que Ruy Castro é um dos principais biógrafos do país. Pergunte a eles se sabem o que é uma biografia e se já leram alguma. Informe que outras minúcias dessa atividade o escritor conta na crônica *Biografáveis* (p. 93). Diante disso, peça aos alunos que revelem, em uma conversa informal em sala de aula, sobre a vida de quem gostariam de escrever se fossem biógrafos, e por quê. Conclua dizendo que o Brasil é um país que conta com exímios biógrafos, entre os quais Fernando Morais, Jorge Caldeira e Lira Neto. Estimule-os a procurar saber quem são esses biógrafos e quem foram os seus biografados.

As **atividades de pós-leitura** promovem a reflexão sobre o conteúdo temático ou expressivo da obra a partir de outras referências que permitem identificar diferentes perspectivas possíveis para o tema, estimulando uma resposta crítica que pode envolver vários níveis de complexidade ou gerar novas perguntas, que enriquecem e transformam a experiência leitora.

PÓS-LEITURA

1. **LÍNGUA PORTUGUESA** Em *Notícias que eu não tinha onde pôr* (p. 73), o cronista mostra sua obsessão pela informação ao revelar que lê jornal desde sempre e que guardava recortes de notícias que lhe pareciam importantes para uso futuro. Ao longo da crônica, ele lê algumas dessas notícias para constatar, no final, com um tom impregnado de melancolia, que elas não eram tão importantes assim.

Peça aos alunos que releiam essa crônica e respondam: Qual é, na verdade, o assunto dela? Em seguida, questione-os: Um cronista pode escrever uma crônica sem assunto? Comente com eles que Rubem Braga, considerado um dos grandes cronistas brasileiros, era chamado de “o mestre do puxa-puxa”, justamente por possuir a habilidade de, quando não tinha assunto algum ou quando não estava inspirado, “puxar” um assunto qualquer e ir “esticando”, “puxando” o texto. Houve quem comentasse que “quando tinha assunto, Rubem Braga era bom, mas quando não tinha, era melhor ainda”.

Diante do exposto, solicite aos alunos que escrevam mais uma crônica imitando o estilo “puxa-puxa” de Rubem Braga ou a crônica sem assunto algum de Ruy Castro. Lembre-os da infinita liberdade temática de que os cronistas dispõem, podendo escrever sobre tudo e ao mesmo tempo sobre nada.

2. **HISTÓRIA** Na crônica *Rip Van Winkle* (p. 27), o autor conta a história do polonês Jan Grzebski, que entrou em coma em 1988 e despertou em 2007, para encontrar um mundo inteiramente diferente. Divida a turma em cinco grandes grupos e proponha que cada grupo realize uma pesquisa: o mundo em 1948; o mundo em 1968; o mundo em 1988; o mundo em 2008; e o mundo em 2018. Proponha que se debrucem especialmente sobre os seguintes temas: cenário geopolítico, fatos históricos importantes, tecnologias disponíveis na vida cotidiana, visão de mundo e costumes.

3. **CIÊNCIAS** Em algumas crônicas, a visão pessimista que Ruy Castro demonstra em relação aos rumos da civilização se transforma, muitas vezes, em visão apocalíptica, à qual não faltam elementos épicos e dramáticos, como em *Krypton vai explodir* (p. 61). Pergunte aos alunos: Vocês acompanham a questão dos efeitos do aumento de gás carbônico e da destruição das áreas verdes do planeta? O que pensam a respeito? O que têm lido, visto e ouvido para se informar sobre esses problemas? O que acham que as autoridades deveriam fazer? Vocês concordam com as medidas que têm sido adotadas pelas cúpulas e fóruns internacionais? Quais são esses fóruns? Quais são os principais obstáculos que

enfrentam? E a nós, o que cabe fazer no dia a dia? E vocês, o que fazem seu cotidiano para contribuir com essa causa?

4. **SOCIOLOGIA** Em *Morando com mamãe* (p. 25), o cronista desabafa: “Foi para isso que nós, os jovens dos anos 60, fizemos duas ou três revoluções?”.

Em *Escrevendo com chumbo* (p. 31), ele fecha a crônica em tom angustiado e crítico: “Prefiro achar que, como a maioria dos jovens que disparam contra grupos e depois se matam, ele quisesse apenas se expressar”.

Pergunte aos alunos: Que críticas o autor faz ao mundo contemporâneo nessas crônicas? A que aspectos se refere? Em *Morando com mamãe*, a que revoluções vocês acham que ele se refere? Aprofunde o questionamento: Quais eram as preocupações dos jovens nos anos 1960, segundo sugere Ruy Castro, e quais são as preocupações dos jovens hoje? Que críticas você faria àqueles jovens e que críticas faria aos jovens de hoje? O que traria de lá e o que deletaria do mundo atual? Por fim, o que destacaria como positivo naqueles jovens e o que elogiaria nos jovens da sua geração?

5. **SOCIOLOGIA** Comente com os estudantes que Ruy Castro não esconde que é avesso às novas tecnologias digitais, sobretudo aos aplicativos de mensagens rápidas e às redes sociais, nas quais enxerga certo vazio e empobrecimento nas relações sociais em nossa época. Por conseguinte, o cronista demonstra valorizar a vida real e a relação presencial entre as pessoas. Indague aos alunos: Isso se confirma nas crônicas que leram?

Em que momentos ele evidencia essa predileção? Que problemas Ruy Castro aponta na vida digital? Aprofunde o questionamento perguntando: É possível, nos dias de hoje, alguém viver sem se relacionar com o mundo digital? Por quê? Aproveite o assunto para propor aos estudantes um bate-papo sobre os benefícios e malefícios da chamada vida virtual.

6. **SOCIOLOGIA** Leia para os estudantes estes trechos da crônica *Sacos indestrutíveis* (p. 57) e *O Brasil impermeável* (p. 59):

“Apenas no estado do Rio circulam um bilhão de sacos plásticos por ano. Nosso egoísmo e inconseqüência fazem com que esse – literalmente – lixo intoxique nossos mares, rios, parques, matas e trilhas. Um dia, seremos cobrados por que não tomamos providências a respeito.” (p. 58)

“Os tupinambás tiveram sorte: foram dizimados muito antes que o rio Carioca entrasse pelo cano. Já a nossa agonia será mais longa. Podemos nos afogar nas mesmas águas que sonegamos ao Brasil quando decidimos asfixiá-lo.” (p. 60)

Pergunte aos alunos, informalmente, sobre o que acham da visão que Ruy Castro revela dos seres humanos, levando em conta o conjunto das crônicas reunidas em *A melancia quadrada*: seria positiva ou negativa? Por quê?

Chame a atenção, no entanto, para a admiração que ele não esconde pelo mundo da cultura e da arte, sobretudo da música, do teatro, da literatura e do futebol (que, de certa perspectiva, não deixa de ser uma forma de arte), e também pelas pequenas epifanias

diárias, que seu olhar sensível sabe tão bem transformar em crônicas. Tendo em vista essas informações, volte a indagar da turma: Afinal, qual é, segundo eles, o sentimento de Ruy Castro diante daquilo que chamamos de civilização? Você concorda ou discorda da forma como ele vê o mundo?

7. **SOCIOLOGIA** Comente com os alunos que a conhecida aversão de Ruy Castro pelas novas tecnologias (e pelas relações virtuais que suscitam) parece chegar ao ápice na crônica *Instrumento do amor* (p. 63). Saliente que sua também explícita nostalgia de outros tempos dá o ar da graça nesse texto, que é recheado de uma ironia sutil e de certo desdém pelas obrigatoriedades do mundo contemporâneo, que o escritor parece não entender ou se recusa a entender. Por outro lado, seu apego ao mundo analógico também parece chegar ao paroxismo nesse texto, haja vista a resposta dada às moças do aeroporto encarregadas de averiguar o que os passageiros levam em suas malas: “É um toca-discos Philips, modelo 243, de fabricação alemã. Tem amplificação própria, seu prato gira a 33, 45 e 78 r.p.m., e é equipado com uma cápsula contendo uma agulha para discos de vinilite e outra para discos de cera de carnaúba e guta-percha”. (p. 64)

Leve os alunos a observar a descrição minuciosa que o cronista faz da “caranguejola”. Indague: Que aspectos predominam no aparelho: físico ou abstrato?; leve (*software*) ou pesado (*hardware*)?; analógico ou digital? Com base na constatação dos alunos, peça que troquem as informações que conhecem a respeito da nossa era tecnológica e pergunte:

Devemos ignorar os dispositivos analógicos, com seus botões de liga e desliga, e adotar incondicionalmente os recursos invisíveis, leves e abstratos do universo digital, com sua lógica dominada por censores e dados? As revoluções que aconteceram e acontecem no mundo (incluindo a digital) são uma ruptura radical, pela qual uma lógica social deixa de existir do dia para a noite e outra ocupa o seu lugar, ou todas as revoluções necessitam de um momento gradativo de transição, porque, afinal, envolvem pessoas, e pessoas são feitas de histórias, memórias, tradições, hábitos, culturas há muito arraigadas em seu espírito?

8. **SOCIOLOGIA** Peça aos alunos que reparem na forma concisa e enfática com que Ruy Castro inicia a crônica *Nem todos patos* (p. 83). Comente com eles que, como os jornais impressos têm perdido cada vez mais leitores para os *sites* de notícias, a frase “deu no jornal” é cada vez menos ouvida, e chegará o dia que fará parte de um remoto passado. Amplie o comentário explicando que essa frase faz referência à credibilidade que os jornais possuíam há até bem pouco tempo, conferindo à sua simples menção o atributo de verdade inquestionável: se deu no jornal, é porque era verdade. Acrescente que hoje não basta “dar no jornal” para que um fato seja considerado seguro. A verdade das notícias ganhou um concorrente de peso, as *fake news*, notícias falsas revestidas de aparente verdade. Questione os alunos: O que vocês têm feito para identificar uma notícia falsa? De que modo acham que as *fake news* prejudicam a democracia?

Por que grupos e pessoas lançam mentiras na mídia? De que modo se propagam? E por que muitas pessoas acreditam nelas?

9. **SOCIOLOGIA** Aproveite o tema da crônica *Bonito, gostoso e prático* (p. 87) para discutir com a turma a mudança do livro impresso para o digital. Explique que o formato digital está em uma fase de transição que já se estende por pelo menos duas décadas, sem que ainda se tenha chegado a um modelo que agrade a todos. Questione os estudantes se eles leem livros impressos, digitais ou dos dois formatos, e que vantagens veem em cada um. Por fim, pergunte: Acreditam que o livro em papel desaparecerá um dia? Por quê?
10. **ARTE** Promova, se possível, a audição das canções a seguir, que falam do Rio de Janeiro da primeira metade do século XX por meio de ritmos apreciados por Ruy Castro, como o maxixe, o samba e a bossa nova – os comentários sobre elas estão nas Sugestões de Referências Complementares deste encarte. Estimule os alunos a observar os valores de época que as canções descrevem. As canções podem ser exploradas de diversas maneiras em sala de aula, de acordo com a sua estratégia didática: a) podem servir de tema para uma produção de texto na qual os estudantes devem escrever de forma crítica sobre o que diz a letra; b) podem ser objeto de discussão em sala de aula; c) podem servir de sensibilização para o início de uma aula sobre determinado tema explorado no livro. Se possível, peça aos estudantes que tragam de casa a letra da canção impressa. Estimule-os a buscar

informações sobre os compositores e cantores, além dos gêneros musicais apresentados.

Corta-jaca, de Chiquinha Gonzaga e Machado Careca com Lysia Condé.
Disponível em: <<http://mod.lk/cortajac>>.

E o mundo não se acabou, de Assis Valente com Carmen Miranda.
Disponível em: <<http://mod.lk/eomundon>>.

Conversa de botequim, de Noel Rosa e Vadico com Moreira da Silva.
Disponível em: <<http://mod.lk/botequim>>.

Diz que fui por aí, com Nara Leão.
Disponível em: <<http://mod.lk/dizquefu>>.

11. **ARTE** Promova, se possível, uma sessão de cinema em sala de aula com o filme sugerido a seguir, que tem como tema a nostalgia que se sente por outras épocas que julgamos melhores do que a nossa. Ou solicite aos alunos que se organizem individualmente, em duplas ou em grupos, na casa de algum deles, para a realização da sessão. Estimule-os a buscar informações sobre o diretor e os atores, sobre a história e seu contexto, traçando paralelos com situações narradas em *A melancia quadrada*.

Meia-noite em Paris. (EUA, 2011)
Comédia/Romance. Direção de Woody Allen. Duração: 1h40min. Filme do diretor nova-iorquino Woody Allen ambientado na cidade de Paris. A história trata da nostalgia que o personagem Gil, um escritor inquieto e inconformado com a mediocridade de seu tempo, sente pela época de ouro da literatura e da arte dos anos 1920, com seus grandes nomes – Hemingway, Dalí etc. – que se encontravam nos cafés, bulevares e restaurantes da capital francesa.

LITERATURA É APRENDIZADO DE HUMANIDADE

DOUGLAS TUFANO

A literatura não é matéria escolar, é matéria de vida.

A boa literatura problematiza o mundo, tornando-o opaco e incitando à reflexão. É um desafio à sensibilidade e à inteligência do leitor, que assim se enriquece a cada leitura. A literatura não tem a pretensão de oferecer modelos de comportamento nem receitas de felicidade; ao contrário, provoca o leitor, estimula-o a tomar posição diante de certas questões vitais. A literatura propicia a percepção de diferentes aspectos da realidade. Ela dá forma a experiências e situações que, muitas vezes, são desconcertantes para o jovem leitor, ao ajudá-lo a situar-se no mundo e a refletir sobre seu próprio comportamento.

Mas essa característica estimuladora da literatura pode ser anulada se, ao entrar na sala de aula, o texto for submetido a uma prática empobrecedora, que reduz sua potencialidade crítica.

Se concordarmos em que a escola deve estar mais atenta ao desenvolvimento da maneira de pensar do que à memorização de conteúdos, devemos então admitir que sua função mais importante é propiciar ao aluno atividades que desenvolvam sua capacidade de raciocínio e argumentação, sua sensibilidade para a compreensão das múltiplas facetas da realidade. A escola, portanto, deveria ser, antes de tudo, um espaço para o exercício da liberdade de pensamento e de expressão.

E se aceitarmos a ideia de que a literatura é uma forma particular de conhecimento da realidade, uma maneira de ver o real, entenderemos que ela pode ajudar enormemente o professor nessa tarefa educacional, pois pode ser uma excelente porta de entrada para a reflexão sobre aspectos importantes do comportamento humano e da vida em sociedade, e ainda permite o diálogo com outras áreas do conhecimento.

O professor é o intermediário entre o texto e o aluno. Mas, como leitor maduro e experiente, cabe a ele a tarefa delicada de intervir e esconder-se ao mesmo tempo, permitindo que o aluno e o texto dialoguem o mais livremente possível.

Porém, por circular na sala de aula junto com os textos escolares, muitas vezes o texto literário acaba por sofrer um tratamento didático, que desconsidera a própria natureza da literatura. O texto literário não é um texto didático. Ele não tem uma resposta, não tem um significado que possa ser considerado correto. Ele é uma pergunta que admite várias respostas; depende da maturidade do aluno e de suas experiências como leitor. O texto literário é um campo de possibilidades que desafia cada leitor individualmente.

Trabalhar o texto como se ele tivesse um significado objetivo e unívoco é trair a natureza da literatura e, o que é mais grave do ponto de vista educacional, é contrariar o próprio princípio que justificou a inclusão da literatura na escola. Se agirmos assim, não estaremos promovendo uma educação estética, que, por definição, não pode ser homogeneizada, massificada, despersonalizada. Sem a marca do leitor, nenhuma leitura é autêntica; será apenas a reprodução da leitura de alguma outra pessoa (do professor, do crítico literário etc.).

Cabe ao professor, portanto, a tarefa de criar na sala de aula as condições para o desenvolvimento de atividades que possibilitem a cada aluno dialogar com o texto, interrogá-lo, explorá-lo. Mas essas atividades não são realizadas apenas individualmente; devem contar também com a participação dos outros alunos – por meio de debates e troca de opiniões – e com a participação do professor como um dos leitores do texto, um leitor privilegiado, mas não autoritário, sempre receptivo às leituras dos alunos, além de permitir-lhes, conforme o caso, o acesso às interpretações que a obra vem recebendo ao longo do tempo.

Essa tarefa de iniciação literária é uma das grandes responsabilidades da escola. Uma coisa é a leitura livre do aluno, que obviamente pode ser feita dentro ou fora da escola. Outra coisa é o trabalho de iniciação literária que a escola deve fazer para desenvolver a capacidade de leitura do aluno, para ajudá-lo a converter-se num leitor crítico, pois essa maturidade como leitor não coincide necessariamente com a faixa etária. Ao elaborar um programa de leituras, o professor deve levar em conta as experiências do aluno como leitor (o que ele já leu? como ele lê?) e, com base nisso, escolher os livros com os quais vai trabalhar.

Com essa iniciação literária bem planejada e desenvolvida, o aluno vai adquirindo condições de ler bem os grandes escritores, brasileiros e estrangeiros, de nossa época ou de outras épocas. Nesse sentido, as noções de teoria literária aplicadas durante a análise de um texto literário só se justificam quando, efetivamente, contribuem para enriquecer a leitura e compreensão do texto, pois nunca devem ser um fim em si mesmas. A escola de Ensino Fundamental e Médio quer formar leitores, não críticos literários. Só assim é possível perceber o especial valor educativo da literatura, que, como dissemos, não consiste em memorizar conteúdos mas em ajudar o aluno a situar-se no mundo e a refletir sobre o comportamento humano nas mais diferentes situações. Literatura é aprendizado de humanidade.

Nesta seção, apresentamos aos professores de Língua Portuguesa orientações e subsídios que podem ajudá-los a ter claras as definições conceituais do cânone literário, já estudadas em seus anos de formação, mas sempre sujeitas a controvérsias (como veremos adiante), bem como às rupturas formais e instrumentais que a literatura, em sua dinâmica própria, estabeleceu ao longo dos séculos até os dias de hoje. Ao fazer da experiência humana matéria-prima de sua atividade, não se pode esperar que a literatura se deixe aprisionar em conceitos abstratos. No entanto, e sobretudo na escola, em que os alunos estão muitas vezes tendo o primeiro contato com a sistematização desse estudo, é preciso que eles conheçam as conceituações básicas, para que, com base nelas, ampliem e aprofundem o seu conhecimento.

Com essas orientações e subsídios, o professor poderá organizar a sua leitura e apreensão do fenômeno literário, para que possa explorar as suas potencialidades e aplicá-las de forma proveitosa e fecunda no contato com os estudantes, fazendo com que a aula de literatura extrapole o âmbito meramente daquele que sabe e daquele que aprende, mas se transforme em um diálogo vivo, uma troca criativa e inovadora que, sem dúvida, irá conduzir aquele que aprende ao conhecimento da literatura, mas também irá proporcionar àquele que sabe a experiência de poder rever seus conhecimentos, ampliando-os, à luz da comunhão que a leitura proporciona.

As orientações e subsídios a seguir contemplam ainda o diálogo que as obras literárias, naquilo que possuem de específico e de universal, estabelecem com as produções artísticas de outros gêneros, literários ou não, contemporâneas ou de outro tempo. Na já referida dinâmica própria do fazer e do fruir literários, que se acentuaram nos últimos séculos com o advento de novas formas de arte – haja vista as possibilidades que a revolução digital tem proporcionado tanto a quem lê quanto a quem produz literatura em nossos dias –, não é mais razoável nem satisfatório que a experiência dos alunos com os livros se circunscreva apenas ao âmbito das palavras, por mais ricas e infinitas que sejam. É necessário que eles adquiram um olhar pragmático para compreender de que modo aquilo que o escritor, dramaturgo ou poeta colocou em sua obra, com toda a sutileza e a singularidade com que foi concebido, pode ser visto de outros prismas estéticos, outras concepções artísticas, outros ângulos epistemológicos, enfim, outros olhares, sem deixar de ser fiel à “espinha de peixe” – expressão usada pela cineasta Suzana Amaral, pródiga em transpor obras literárias para o cinema, para se referir ao manancial de conhecimento do mundo ímpar que toda obra literária traz.

O GÊNERO DA OBRA

CRÔNICA

O gênero crônica está associado, em sua origem, ao vocábulo grego *khronos* (nome emprestado do deus grego Cronos), que significa tempo. *Cronômetro* e *cronologia*, por exemplo, palavras que se relacionam com o tempo, também têm origem nesse vocábulo. A palavra *crônica*, por sua vez, provém de *khroniká*, que significa “relacionado ao tempo”. Em latim, essa palavra derivou para *chronica*, empregada para indicar os escritos que faziam o registro dos acontecimentos históricos em uma sequência cronológica, sem se preocupar em interpretar os fatos ou em se aprofundar neles.

No século XIX, com o crescimento das grandes massas de trabalhadores nas metrópoles, atraídos pelo trabalho assalariado nas fábricas, a literatura começou a se oferecer como um entretenimento possível ao proletariado – uma vez que as elites sempre a cultivaram. Com a consolidação da imprensa, que engendrou os primórdios daquilo que conhecemos hoje como “opinião pública”, ganharam forma nesse período os romances de folhetim, que eram lidos com a avidez com que se assiste às novelas de TV hoje em dia. De modo tímido e discreto, no entanto, a crônica foi se insinuando nas páginas dos jornais, ainda sem a configuração com que a conhecemos atualmente. Um grande cronista desse período, para se ter uma ideia do vigor que a crônica já possuía, foi Machado de Assis, que, não obstante a acurácia de sua narrativa, não alcançava o mesmo destaque que seus contos e romances.

Foi somente no início do século XX, com o advento da República e uma sociedade mais dinâmica, que convivia com velhos problemas – como a abolição mal resolvida dos escravizados e revoltas que evidenciavam uma parcela crítica da população com os rumos do país –, que a crônica começou a tomar forma. A imprensa já possuía certa envergadura econômica e podia manter um grupo seleto de escritores – como fez o jornal *O Estado de S. Paulo* – para exercer a crítica descontraída da sociedade, dos costumes e dos grandes temas da época por meio de textos que se diferenciavam das notícias e reportagens sobre os assuntos importantes do dia, com textos com forte teor jornalístico, objetivos e diretos.

Grande importância teve a Semana de Arte Moderna, de 1922, para que a literatura brasileira – e com ela a crônica – se desvinculasse das influências francesa e portuguesa. Vem das décadas de 1920 e 1930 a primeira leva dos grandes cronistas brasileiros, que iriam sedimentar o caminho para as gerações seguintes.

Dessa primeira safra, destaca-se o capixaba Rubem Braga, filho do jornalismo de guerra, apreciador de árvores e passarinhos, que nas décadas de 1940 e 1950 burilou um estilo próprio, que faria escola e daria o tom, nas décadas seguintes, do que deveria ser uma boa crônica para agradar sobretudo ao leitor urbano, uma vez que as cidades, com bancas de jornal em que se podiam comprar os diários e as revistas com crônicas saídas quentinhas do forno, propiciavam o encontro entre os cronistas e seu leitor.

Arredio a badalações – e, dizem, em geral mal-humorado, no bom sentido –, o “velho Braga”, como era chamado carinhosamente pelos amigos, respondeu com atilada ironia a um jornalista que lhe pediu que definisse a crônica.

– Se não é aguda, é crônica – respondeu Rubem Braga.

Anos depois, Fernando Sabino, outro grande expoente do gênero, também sem paciência para tentar conceituar o que era crônica, saiu-se com essa:

– Crônica é tudo aquilo que o cronista chama de crônica.

Para bom entendedor, tente conceituar a crônica, colocá-la em uma redoma de vidro para observá-la ou em um tubo de ensaio para decompor seus elementos, e você a perderá – talvez para sempre. Em vez disso, por que não deixar que os cronistas as escrevam e os leitores as leiam? Talvez tenha sido isso que Rubem Braga e Fernando Sabino quiseram dizer com suas respostas enviesadas.

No mundo da eficiência e das definições em que vivemos atualmente, no entanto, tudo precisa ser analisado, codificado, compartimentalizado em sistemas abstratos mediante métodos e práticas. Assim, nem a crônica, por mais que esperneasse, conseguiu escapar das análises e das conceituações. De modo que hoje, não apenas podemos ler crônicas saborosas dos mais diferentes estilos – de humor, poética, ensaística, narrativa, reflexiva, metalinguística etc. –, como podemos ler alentados trabalhos – muitos deles excelentes – que fornecem informações preciosas sobre a prática da crônica e seus autores (com as quais nem o velho Braga nem Fernando Sabino sonhariam). Nada substitui, porém, a velha e simples prática de pegar um livro nas mãos, abrir na primeira página – ou, se for um livro de crônica, no início de uma crônica qualquer – e começar a percorrer suas páginas com os olhos, o pensamento e a emoção. É tudo o que uma crônica – como, de resto, toda a literatura de ficção – requer.

SOBRE OS ESTILOS LITERÁRIOS

Para introduzir a questão da arte moderna, e, por extensão, da literatura moderna, seria bom considerar este comentário de 1956, do poeta pernambucano João Cabral de Melo Neto, que expressa uma concepção com que qualquer artista moderno ou contemporâneo concordaria:

"O autor de hoje trabalha à sua maneira, à maneira que ele considera mais conveniente à sua expressão pessoal. Do mesmo modo que cria sua mitologia e sua linguagem pessoal, ele cria seu conceito de poema e, a partir daí, seu conceito de poesia, de literatura, de arte. Cada poeta tem a sua poética. Ele não está obrigado a obedecer a nenhuma regra, nem mesmo àquelas que em determinado momento ele mesmo criou, nem a sintonizar seu poema a nenhuma sensibilidade diversa da sua. O que se espera dele, hoje, é que não se pareça a ninguém, que contribua com uma expressão original. [...]"

Para empregar uma palavra bastante corrente na vida literária de agora, o que se exige de cada artista é que ele transmita aquilo que em si é o mais autêntico, e sua autenticidade será reconhecida na medida em que não se identifique com nenhuma expressão já conhecida. Não é preciso lembrar que, para atingir essa expressão pessoal, todos os direitos lhe são concedidos. [...]"

Pode-se dizer que hoje não há **uma** arte, não há **a** poesia, mas há artes, há poesias. Cada arte se fragmentou em tantas artes quantos forem os artistas capazes de fundar um tipo de expressão pessoal."

NUNES, Benedito (org.). *João Cabral de Melo Neto*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1971, p. 190-191. (Coleção Poetas Modernos do Brasil)

Como se vê, chegou ao fim a noção de “estilo”, “escola” ou “convenção” literária, tal como se concebia nos séculos anteriores. Esse é um processo que começa com o Romantismo, no século XIX, e atinge seu maior desenvolvimento no século XX. É a proclamação da independência estética do artista moderno, fenômeno que se verifica em praticamente todos os campos artísticos, da música à literatura e às artes plásticas. Cada artista cria sua própria concepção de arte. Daí a sensação de “estilhaçamento” quando observamos o panorama da literatura moderna e contemporânea. Hoje, estudamos autores e não grupos ou gerações literárias.

Isso não quer dizer que os escritores de hoje não tenham nada a ver com a tradição. Têm, sim, mas a diferença agora é que a forma de apropriação da tradição é feita de maneira absolutamente pessoal.

Os primeiros vinte anos do século XX, na Europa, assistiram a essa desintegração total dos chamados “estilos de época”, com repercussões profundas no Brasil a partir principalmente da década de 1920. A Semana de Arte Moderna de 1922 pode ser vista como um ponto de referência desse processo de transformação.

Ao falar da poesia brasileira do século XXI, Manuel da Costa Pinto reitera o que disse João Cabral, cinquenta anos antes. Sobre os poetas que selecionou para sua Antologia, diz ele: “[...] sem esquecer, é claro, que todo escritor possui uma singularidade irredutível a influências e recortes teóricos”. (*Antologia comentada dos poetas brasileiros do século 21*, Publifolha). É o reconhecimento do fim dos estilos que englobavam escritores de uma mesma geração ou época.

O QUE É LITERATURA?

Seria importante que os professores levassem o aluno a perceber que literatura é construção da linguagem. Isto é, ainda que tenha como referência o mundo real, a marca da literatura é o fato de ser ficção, ela é fruto da inventividade do autor. Literatura é, pois, recriação da realidade e não, como muitas vezes se diz, um “retrato” da realidade. E nessa recriação o autor tem plena liberdade, como disse João Cabral. Pode explorar formas de linguagem, criar palavras, imaginar enredos – nada o prende à realidade imediata. E é exatamente essa liberdade que torna a literatura um campo de possibilidades virtualmente infinito. Ao entrar nesse universo fictício, o leitor sabe que qualquer coisa pode acontecer. Não é um jogo de cartas marcadas, mas um espaço desconhecido a ser percorrido e descoberto.

Desenvolver esse novo conceito de literatura como uma “aventura” intelectual talvez seja o grande desafio da escola. O aluno não deve ler como se fizesse uma prova ou um questionário (como ocorre nos vestibulares, por exemplo). Deve ler como uma conquista, porque isso pode abrir seu horizonte existencial. Essa é a dimensão educativa da literatura.

O declínio da importância das “escolas literárias” levou ao declínio também da preocupação em reconhecer as características de cada uma, como uma lista a ser decorada. Por isso, hoje a literatura deve ser trabalhada como forma de enriquecimento e ampliação do universo emocional e intelectual do aluno. Esse deve ser o resultado das leituras feitas no Ensino Fundamental e Médio.

Nesse sentido, a diversidade de gêneros literários é importante para a formação do leitor, para abrir o seu horizonte, para mostrar-lhe o que ele pode usufruir ao longo de sua vida, e não apenas durante os anos escolares. A escola é apenas o ponto de partida, e não o ponto de chegada.

Por isso, mesmo um livro escrito há vários séculos, como *D. Quixote*, permanece atual. Porque proporciona essa aventura intelectual, esse voo da imaginação. Não para alienar o leitor, mas para fazer com que ele, no fim da leitura, volte à sua realidade e a veja com outros olhos. O diálogo da obra com o mundo em que vive o aluno é fundamental para que a literatura exerça seu papel educativo.

Essa nova concepção de leitura e formação do leitor é fundamental para as escolas criarem seus projetos de leitura, isto é, a seleção de livros que os professores *devem ler junto* com os alunos. Podemos identificar o conceito de educação de uma escola com base nos livros que ela indica e nos livros que ela *não* indica.

Por isso, o mestre Antonio Candido dizia que o acesso à literatura deveria ser um direito básico do ser humano.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES DE APROFUNDAMENTO

Em **Atividades de aprofundamento**, são apresentadas propostas que permitem compreender o funcionamento contemporâneo das convenções literárias relacionadas à obra, apoiar a leitura crítica, criativa e propositiva para explorar as potencialidades da escrita literária com os estudantes. Nessa seção, indicam-se também produções contemporâneas de outros gêneros (literários ou não) que permitem um diálogo intertextual com diferentes aspectos da organização da expressão literária e sua articulação com a experiência individual e social.

1. **FILOSOFIA** Nas crônicas da parte *A ciência e a tecnologia* (p. 43), fica evidente a visão crítica de Ruy Castro diante do predomínio do mundo digital em nosso tempo. Chame a atenção dos alunos, no entanto, para um aspecto que aparece como pano de fundo dessa visão do cronista, e que também merece ser trazida para reflexão: Seria Ruy Castro refém de seu tempo de formação? Proponha a discussão aos alunos indagando, primeiramente, o que é a nostalgia. Por que, pela ótica nostálgica, as coisas sempre parecem ser melhores do que são no presente? Seria, o pensamento nostálgico, um sentimento traiçoeiro, que distorce a realidade, fazendo-nos constatar que éramos felizes e não sabíamos? Indague aos alunos: Vocês já sentiram nostalgia de alguma coisa? O fato de ainda serem adolescentes os deixa livres desse sentimento, ou não há idade para experimentar a nostalgia? Existe diferença entre nostalgia e saudade? Por que tendemos a achar que as coisas antigas (músicas, filmes, brincadeiras, baladas, relações pessoais, escola, produtos etc.) eram melhores do que as atuais?

2. **FILOSOFIA** Peça aos alunos que atentem para a frase escrita por Ruy Castro na crônica *Cibergugu* (p. 53), na qual o cronista contrapõe o mundo natural ao mundo cultural: “Mas esta era a proposta da escola: valorizar, pelo máximo de tempo, a vida natural da criança, antes que ela se deixasse fisgar para sempre pelo mundo verbal.” (p. 53-54)

Pergunte aos alunos: O que o cronista quis dizer com “mundo verbal”? Problematize o assunto informando que, já no século XVIII, o filósofo suíço Jean-Jacques Rousseau defendia a tese de que, simbolicamente, os seres humanos são naturalmente bons, mas teriam se corrompido quando abandonaram a vida na natureza e passaram a viver em sociedade. Leve-os a relacionar a “vida em sociedade” de Rousseau com “o mundo verbal” de Ruy Castro e questione: O que caracteriza esse mundo verbal? Por que, tanto em Rousseau quanto em Ruy Castro, ele aparece de modo depreciativo em relação à natureza?

3. **SOCIOLOGIA** Na crônica *Caindo na vida* (p. 55), Ruy Castro retoma o tema da crônica *Sem mãe para deletar* (p. 51). Peça aos alunos que releiam as duas crônicas e respondam: Por que acham que Ruy Castro deu continuidade à crônica anterior? O personagem é o mesmo nos dois textos, mas qual é a diferença de abordagem entre elas? Estimule os estudantes a criar hipóteses: Será que, por tratarem de um tema que parece caro ao autor, ele não teria ficado satisfeito com o que escreveu no primeiro texto e quis interferir na realidade no segundo? Vocês acreditam que o que é contado na segunda crônica realmente aconteceu? Será que Ruy Castro estava certo em suas observações? O que os alunos, como adolescentes dessa geração, teriam a comentar sobre esse assunto? Pergunte, por fim, se a escrita de outra crônica sobre o mesmo assunto teria apaziguado a inquietação do cronista.

4. **SOCIOLOGIA** Logo no início da crônica *Cibergugu* (p. 53), Ruy Castro escreveu: “Uma de minhas filhas, matriculada numa escola moderna e ‘alternativa’, no Rio, em 1977, chegou aos 6 anos sem ter aprendido a ler, e não por qualquer deficiência pessoal. Em compensação, conseguia subir em árvores como um mico e, idem, não por uma particular aptidão atlética. Era o estilo da escola: pouco bê-á-bá e muita liberdade para brincar. Na verdade, o dia de aula era um grande recreio.”

Algumas páginas adiante, na crônica *Drama no brejo* (p. 67), podemos ler este trecho confessional do cronista: “A vida de uma perereca vale pouco no Brasil. Há tempos, só a dedicação de uma bióloga ajudou a salvar o sapinho ‘*Melanophryniscus moreirae*’ no Parque Nacional do Itatiaia. Hoje, chamado de ‘Flamenguinho’ (por suas cores vermelha e preta), ele se tornou o símbolo oficial do parque. Tenho o orgulho de dizer que essa bióloga era minha filha Pilar.”

Comente com os alunos que não temos como saber se a bióloga Pilar é a menina que foi matriculada em 1977 em uma escola moderna e alternativa, uma vez que na primeira crônica Ruy Castro informa que tem mais de uma filha. Mas podemos criar algumas hipóteses e trabalhar com elas. Vamos supor que a menina de 1977 seja a bióloga Pilar. Questione os alunos: A educação que ela recebeu na escola teria influenciado sua opção pela biologia? Peça que justifiquem as respostas. Trazendo o questionamento para o tema da educação, peça a opinião dos estudantes sobre o que pensam da educação ministrada pela escola onde uma das filhas de Ruy Castro estudou. Concordam com aquele método? Discordam? Por quê? E o que pensam da educação de hoje?

5. **SOCIOLOGIA** Reúna a turma em uma roda de conversa e peça que algum aluno releia a crônica *O beijo no gramado* (p. 37) para os colegas. Em seguida, lance as perguntas: Que questões de nosso tempo estão implicadas nesse texto? Que críticas observam nas ironias e no humor sutil do cronista? O que pensam a respeito do exposto na crônica, sobretudo no último parágrafo? Oriente-os a argumentar e a expor suas ideias de modo claro, mas monitore a conversa para que a conversa não se desvirtue do real sentido que Ruy Castro quis conferir ao tema, e para que não haja desrespeito nas opiniões expostas.

SUGESTÕES DE REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

PARA O ALUNO

LIVROS

BRAGA, Rubem. *200 crônicas escolhidas*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2011. (Coleção Livro Vira-Vira)

Obra fundamental para quem quer conhecer a crônica brasileira, traz 200 crônicas daquele que é considerado o fundador da crônica moderna no Brasil e um de seus principais expoentes.

CAMPOS, Paulo Mendes. *Crônicas escolhidas*. São Paulo: Ática, 1981.

Publicação que traz o melhor de um dos mais refinados cronistas brasileiros (que também é poeta). Nas páginas deste livro, o leitor pode tomar contato com as agudas e bem-acabadas percepções de Paulo Mendes Campos sobre as realidades mineira e carioca de seu tempo.

CARRASCO, Walcyr. *O golpe do aniversariante e outras crônicas*. São Paulo: Ática, 2007.

Nesta pequena antologia, os leitores podem saborear um pouco do talento inato de Walcyr Carrasco para captar o lado contraditório, *nonsense* e surpreendente da realidade, em crônicas que exploram o universo sempre rico da infância e da adolescência.

CASTRO, Ruy. *Crônicas para ler na escola*. Seleção e apresentação de Sílvia Helena Cyntrão. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010. (Coleção Para ler na escola)

Antologia organizada por temas de crônicas de Ruy Castro, um dos grandes cronistas em atividade hoje em um país que tomou o gênero crônica para si, criando um estilo próprio de escrevê-las.

CUNHA, Antonieta (org.). *Marcos Rey – Crônicas para jovens*. São Paulo: Global, 2011. (Coleção Crônicas para Jovens)

Antologia de crônicas do escritor, romancista e cronista paulista Marcos Rey, em que ele explora o lado cômico e trágico dos seres humanos em textos primorosos.

LEITÃO, Mirian. *Refúgio no sábado – Crônicas*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

Em meio à intensa vida de jornalista de televisão comentando economia, a mineira Mirian Leitão reservou as manhãs de sábado – seu refúgio – para se dedicar à crônica e se revelou uma cronista que, segundo Ana Maria Machado, “tem plenas condições de ocupar um lugar digno no time de bambas da crônica”.

MEDEIROS, Martha. *Liberdade crônica*. Porto Alegre: L&PM, 2015.

Cronista de linguagem ágil e moderna, em sintonia com a vida contemporânea. Em seus textos, a gaúcha Martha Medeiros expõe os principais dilemas da mulher contemporânea, seu imaginário, seus desejos e anseios, com os dois pés fincados em uma realidade fragmentada e complexa.

PRATA, Antônio. *Meio intelectual, meio de esquerda*. São Paulo: Editora 34, 2010.

Antonio Prata – filho de outro grande cronista, Mário Prata – já foi saudado como o grande nome da crônica da nova geração. A qualificação lhe cai bem, haja vista o virtuosismo com que manipula as palavras para elaborar crônicas que procuram situar o narrador (e o leitor, que com ele acaba se identificando) em um mundo repleto de absurdos, contradições, mas também de boas surpresas e comunhões.

VERISSIMO, Luis Fernando. *Comédias para ler na escola*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

O título chama de *comédias*, mas trata-se de crônicas bem-humoradas de Luis Fernando Verissimo, escritor, cronista e cartunista gaúcho, que herdou do pai, Erico Verissimo, o gosto pela boa escrita e pelo pensamento – seus textos, mesmos os que contêm humor, sempre trazem um quê de reflexão sobre a condição humana.

➤ CANÇÕES ➤

Corta-jaca, de Chiquinha Gonzaga e Machado Careca com Lysia Condé.

Nesta canção, interpretada com muita graça pela cantora potiguar Lysia Condé, a compositora Chiquinha Gonzaga mostra um pouco do imaginário carioca do início do século XX, um tema ao qual Ruy Castro sempre volta em suas crônicas.

Disponível em: <<http://mod.lk/cortajac>>.

E o mundo não se acabou, de Assis Valente com Carmen Miranda.

Nesta canção, Carmen Miranda – uma das pessoas biografadas por Ruy Castro – interpreta este bem-humorado maxixe de Assis Valente, que expõe a expectativa das pessoas simples dos subúrbios cariocas do início do século XX.

Disponível em: <<http://mod.lk/eomundon>>.

Conversa de botequim, de Noel Rosa e Vadico com Moreira da Silva.

Neste clássico samba de Noel Rosa, o criador do samba de breque Moreira da Silva, também conhecido como Kid Morengueira, expõe com muita bossa a malandragem carioca das primeiras décadas do século XX.

Disponível em: <<http://mod.lk/botequim>>.

Diz que fui por aí, com Nara Leão.

Neste samba com batida de bossa nova, Nara Leão, uma das mais importantes expoentes desse movimento musical dos anos 1960 (mas que mantém seu prestígio e influência até hoje), canta um samba que representa também uma guinada temática em sua carreira, dos apartamentos de Leblon e Copacabana para os morros e subúrbios cariocas, temas que não passam despercebidos pelo olhar sempre atento de Ruy Castro em seus textos.

Disponível em: <<http://mod.lk/dizquefu>>.

> CRÔNICAS ~

ÂNGELO, Ivan. Sobre a crônica. *Veja São Paulo*, 18 set. 2009.

Crônica metalinguística de Ivan Angelo, exímio contista e também cronista que faz parte do grupo dos grandes cronistas brasileiros, na qual ele comenta as controvérsias que existem na busca por uma definição do gênero crônica.

Disponível em: <<http://mod.lk/sobreacr>>.

> VÍDEOS ~

A amizade Facebook. (Brasil, 1985) Fronteira do pensamento, 2011. Duração: 3min9s.

Depoimento do sociólogo polonês Zygmunt Bauman sobre a superficialidade das relações sociais no mundo atual, que ele chama de “mundo líquido”, um posicionamento muito próximo da visão de mundo de Ruy Castro, que ele expressa em algumas de suas crônicas.

Disponível em: <<http://mod.lk/aamizade>>.

LIVROS

AMÂNCIO, Moacir (org.) *Cronistas do Estadão*. São Paulo: *O Estado de S.Paulo*, 1991.

Valioso registro dos autores que escreveram crônicas para o centenário jornal paulista *O Estado de S.Paulo*, trazendo textos desde o tempo da Velha República, no final do século XIX, até o início dos anos 1990, quando a obra foi publicada.

BRAGA, Rubem. *O poeta e outras crônicas de literatura e vida*. Organização de Gustavo Henrique Tuna. São Paulo: Global, 2017.

Pequena seleção de crônicas de Rubem Braga que traz os textos mais celebrados do autor e também algumas pouco conhecidas do leitor, que poderíamos chamar de “crônicas de circunstâncias”, em que ele escreve sobre seus amigos mais próximos.

CONY, Carlos Heitor. *Quase antologia – As melhores crônicas de Carlos Heitor Cony na Folha de S.Paulo*. Organização e apresentação de Bernardo Ajzenberg. São Paulo: Três Estrelas, 2018.

Seleção das crônicas de jornal (*Folha de S.Paulo*) de um dos mestres da crônica no Brasil, que era também renomado romancista. Uma das principais características de suas crônicas são a agudeza da crítica política e social.

COSSON, Rildo. *Letramento literário – Teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2009.

Obra voltada para professores que buscam fazer do letramento literário uma atividade significativa para si e para os estudantes. No livro, o autor Rildo Cosson, do Departamento de Literatura da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), mostra como reformular, fortalecer e ampliar o estímulo à leitura no ensino básico para além das práticas usuais. Ele também analisa a relação entre literatura e educação, propondo a construção de uma comunidade de leitores nas salas de aula e sugerindo oficinas para o professor adaptar seu trabalho ao letramento literário, orientando, assim, a produção de sequências de atividades com foco na leitura literária.

MACHADO, Ana Maria. *Uma rede de casas encantadas*. São Paulo: Moderna, 2012.

Cinco ensaios em que a escritora Ana Maria Machado discorre sobre literatura, literatura infantojuvenil, poesia e o seu processo de criação literária com base em sua trajetória de mais de cinco décadas como escritora, educadora, intelectual e jornalista.

PINTO, Manuel da Costa (org.). *Antologia de crônicas* – Crônica brasileira contemporânea. São Paulo: Moderna, 2005. (Coleção Lendo & Relendo)

Seleção de crônicas de alguns dos melhores autores em atividade no final do século XX e início do XXI.

RIO, João do. *A alma encantada das ruas*. Organização de Raul Antelo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

Livro que se constitui um registro histórico e sociológico do Rio de Janeiro do início do século XX por um dos primeiros cronistas brasileiros, João do Rio. Publicadas na imprensa entre 1904 e 1907, as crônicas

de *A alma encantada das ruas* revelam “a cosmópolis num caleidoscópio”, segundo o texto de quarta capa do livro. Um importante documento dos primeiros anos da República no Brasil.

TEZZA, Cristóvão. *O espírito da prosa* – Uma autobiografia literária. Rio de Janeiro: Record, 2012.

Cristóvão Tezza, romancista e ensaísta brasileiro contemporâneo, faz nessa obra uma autobiografia com foco em sua formação como escritor e nas subjetividades que cercam o ofício de escrever.

FILMES

Nós que aqui estamos por vós esperamos. (Brasil, 1999)
Documentário. Direção de Marcelo Mazagão. Duração: 1h12min.
Classificação indicativa: 16 anos.

Documentário mudo, apenas com imagens históricas do século XX e a trilha sonora do músico belga Wim Mertens, o filme menciona de forma bastante original e comovente a trajetória de pessoas famosas e anônimas por meio de seus feitos, de fatos extraordinários e corriqueiros desse século, inspirado na tese do livro *Era dos extremos* – O breve século XX (1914-1981), do historiador britânico Eric Hobsbawm, segundo a qual esse século XX teria iniciado em 1914, com a Primeira Guerra Mundial, e terminado em 1981, com o colapso da União Soviética.

Disponível em: <<http://mod.lk/nosqueaq>>.

BIBLIOGRAFIA COMENTADA

COSSON, Rildo. *Círculos de leitura e letramento literário*. São Paulo: Contexto, 2014.

O que é um círculo de leitura? É um grupo de pessoas que se reúne com o objetivo de discutir a leitura de uma obra em um lugar qualquer – na escola, na biblioteca, em cafés ou livrarias, na casa de amigos e até mesmo em discussões *on-line*. Nesta obra, Rildo Cosson, professor na área de Literatura da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), apresenta uma proposta de organização e de funcionamento de um círculo de leitura. Ele orienta e fornece embasamento para a criação de atividades que possam auxiliar educadores e leitores, ampliando a grande diversidade de interesses que existe na atividade de leitura, e convida o leitor a formar o seu próprio círculo de leitura.

DUNKER, Christian; TEZZA, Cristóvão *et al.* *Ética e pós-verdade*. Porto Alegre: Dublinense, 2017.

Neste livro, cinco escritores – entre eles dois filósofos – analisam a predominância ou não da ética na sociedade atual, apontando caminhos para eliminar das relações sociais aquilo que se convencionou chamar de pós-verdade, um conceito que se mostra nocivo às práticas democráticas.

FAZENDA, Ivani C. Arantes. *Interdisciplinaridade: História, teoria e pesquisa*. 18. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2012. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico)

Estudiosa das questões que envolvem a interdisciplinaridade desde os anos 1970, formada pela USP, mestre em filosofia da educação pela PUC-SP e doutora em antropologia cultural pela USP, a professora Ivani Fazenda acredita que, “ao buscar um saber mais integrado e livre, a interdisciplinaridade conduz a uma metamorfose que pode alterar completamente o curso dos fatos em Educação; pode

transformar o sombrio em brilhante e alegre, o tímido em audaz e arrogante e a esperança em possibilidade”.

HARARI, Yuval Noah. *21 lições para o século 21*. Trad. Paulo Geiger. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

Obra fundamental para se compreender as implicações do mundo neste início de século. Neste livro, o professor da Universidade Hebraica de Jerusalém analisa com refinada argúcia os aspectos históricos, geopolíticos, tecnológicos, humanos, éticos, metafísicos, culturais de um mundo que se encontra na antessala da disrupção trazida pelo advento dos mecanismos biotecnológicos da inteligência artificial.

JOUVE, Vincent. *Por que estudar literatura?* Trad. Marcos Bagno e Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2012. (Coleção Teoria Literária)

Obra dirigida aos pesquisadores em teoria literária e da arte, aos professores e estudantes de literatura e a todos os amantes da literatura. Discorre sobre a arte literária e seus elementos de formação.

LONTRA, Hilda Orquídea H. (org.). *Histórias de leitores*. Brasília: Editora Universidade de Brasília/Oficina Editorial do Instituto de Letras UnB, 2006.

Obra que reúne textos que tratam do processo de constituição da identidade pela leitura, recuperando vivências permeadas de afetividade que têm em comum o resgate do prazer do convívio com os textos literários.

PETIT, Michèle. *Os jovens e a leitura*. Trad. Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2008.

Ler é quase sempre uma atividade solitária, que implica, paradoxalmente, uma abertura para o outro. Nesta obra, a antropóloga Michèle Petit discorre sobre as múltiplas dimensões envolvidas na experiência da leitura.

ROSENFELD, Anatol. *Texto/Contexto I*. São Paulo, Perspectiva, 1996. (Série Debates: Crítica)

Com base no tema da ambiguidade humana, Anatol Rosenfeld, um dos grandes críticos literários que vieram para o Brasil no pós-guerra, revela as conexões entre a literatura, o teatro, a poesia, o cinema e a pintura, estabelecendo painéis críticos que ainda hoje impressionam por sua originalidade e inovação.

SÁ, Jorge de. *A crônica*. São Paulo: Ática, 1985.

Obra introdutória ao assunto, mas nem por isso menos aprofundada, que discorre sobre o gênero crônica, tomando como base os principais cronistas do Brasil. No final, traz um proveitoso vocabulário crítico com os principais conceitos que cercam o ofício do cronista.

SOARES, Angélica. *Gêneros literários*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1997. (Série Princípios)

Nesta obra introdutória ao tema, a professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) Angélica Soares retoma a discussão iniciada por Platão e Aristóteles na Antiguidade grega sobre os gêneros literários e a natureza da obra literária, seja

ela a epopeia, o conto, a crônica, o ensaio, a novela, perpassando as formas dramáticas (tragédia, comédia e drama) e contemplando as recentes rupturas de paradigma trazidas pelo advento do pensamento pós-moderno nas letras e nas artes.

TERZI, Sylvia Bueno. *A construção da leitura – Uma experiência com crianças de meios iletrados*. Campinas, SP: Pontes; Editora da Unicamp, 1995.

A autora relativiza a ideia de que toda criança, ao chegar à escola, já traz consigo um conhecimento sobre a escrita – segundo ela, é preciso considerar a sua origem familiar e social e modular o aprendizado e a construção da leitura.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. 3. ed. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: Difel, 2010.

Todorov faz a crítica do ensino de literatura na atualidade, baseado no formalismo-estruturalismo, ao mesmo tempo que defende a leitura e a literatura como campos de aprendizado e de formação humana.

(Todos os *links* de páginas da internet presentes neste material foram acessados em 5 dez. 2020).